

O discurso indireto na transmissão telejornalística ao vivo do atentado terrorista ao *World Trade Center*

Aline Ramires Moraes Matsumoto*, Kátia Alexsandra dos Santos e Adriana Aparecida Vaz da Costa

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: aline_mat@ig.com.br

RESUMO. O objetivo deste artigo é verificar se o discurso indireto utilizado pelos jornalistas na transmissão ao vivo do atentado terrorista ao *World Trade Center* revela o posicionamento e o engajamento destes. No noticiário televisivo, a construção das reportagens veiculadas ao vivo é feita simultaneamente com a ocorrência dos fatos, isto é, sem planejamento prévio, o que confere aos jornalistas um certo desconhecimento sobre aquilo que narram. Existe, portanto, uma grande probabilidade dos enunciados dos repórteres revelarem marcas de maior ou menor engajamento e o posicionamento destes diante das informações que transmitem. Os resultados obtidos demonstram que esse tipo de discurso, além de utilizado para transmitir as notícias sobre o ataque terrorista, realmente é empregado para marcar a adesão e o distanciamento dos repórteres perante os enunciados que produzem. Concluímos, então, que o emprego de um modelo de discurso relatado específico deve-se às intenções que o falante pretende destacar em seus enunciados.

Palavras-chave: transmissão telejornalística ao vivo, discurso indireto, intenção.

ABSTRACT. The indirect speech in World Trade Center terrorist attack TV news broadcast. This paper aims to verify whether the Indirect Speech used by journalists' live broadcast about the World Trade Center attack revealed their engagement as well as their commitment. In the news broadcast, the production of live report usually takes place simultaneously with the facts, that is, without previous planning, which grants the journalists unfamiliarity about what they are narrating. Nevertheless, it is very likely that the reporters' statements may reveal a higher or lower engagement and commitment vis-à-vis the information they are delivering. According to results, this kind of speech is not only used to transmit the news about the terrorist attack but to emphasize the adhesion as well as the distance of the reporters from the statements they make. The use of indirect speech is due to the intentions of the speaker highlighted in his/her speech.

Key words: live news broadcast, indirect speech, intention.

Considerações iniciais

No noticiário televisivo, a construção das reportagens veiculadas ao vivo, de extensa duração, é caracterizada ora pela narração feita simultaneamente com a ocorrência dos fatos, ora pelas citações da fala de outros. Diante desse contexto, parece-nos que o processo de transmissão de informações ao vivo confere aos jornalistas um certo desconhecimento sobre aquilo que narram, aliado à ansiedade, pela falta de novas informações, e ao nervosismo, por terem de construir seus enunciados em concomitância com os fatos. Existe, portanto, uma grande probabilidade dos enunciados dos repórteres revelarem marcas de maior ou menor

engajamento e o posicionamento destes diante das informações que transmitem.

Estudos anteriores¹ mostram que o discurso citado, direto ou indireto, tem como uma de suas funções marcar a adesão e o posicionamento dos falantes aos enunciados que produzem. Desse modo, a partir de uma perspectiva enunciativa, este artigo pretende analisar um *corpus* falado, representado pela transmissão telejornalística ao vivo do atentado terrorista ao *World Trade Center*, para destacar a presença do discurso indireto e verificar se esse tipo de discurso realmente revela, no caso deste *corpus*, o posicionamento e o engajamento dos repórteres.

¹Ver Benites (1995 e 2002).

Para a utilização da transmissão foram realizados os seguintes procedimentos: com a gravação do atentado terrorista em mãos, fez-se uma transcrição livre, ou seja, uma transposição do material gravado para o papel sem a utilização de normas; em seguida, fez-se uma nova audição da fita, agora aplicando o modelo de transcrição do Projeto NURC, o qual se encontra em Castilho e Preti (1986). A respeito das normas de transcrição, o quadro abaixo apresenta abreviaturas para a identificação dos falantes e seus respectivos enunciados. Elas são representadas pelas iniciais dos nomes de alguns jornalistas que participaram da transmissão. Vejamos:

AP: Ana Paula Padrão
 CN: Carlos Nascimento
 HV: Heloísa Vilela
 NA: Narradora

As transmissões telejornalísticas ao vivo

Ao analisarmos a construção e transmissão de notícias no jornalismo televisivo, podemos observar que estas se apresentam de duas maneiras: ora editadas, ora ao vivo. No caso das notícias editadas, a transmissão é feita freqüentemente em horários determinados, nos quais as notícias são primeiramente editadas e, em seguida, veiculadas. Com relação às notícias ao vivo, também chamadas de coberturas ao vivo, ora a narração é feita simultaneamente com a ocorrência dos fatos, sem um planejamento prévio daquilo que será transmitido aos telespectadores, ora a construção dos enunciados se dá por meio de citações da fala de outros.

Existem, portanto, diferenças entre as duas formas de construção e transmissão da notícia. No primeiro caso, temos textos previamente planejados, que possuem características prototípicas da língua escrita (doravante LE), tais como o emprego de frases complexas, a precisão, a condensação, fixidez temática, ausência de marcas de reformulação, entre outras. Após todo um processo de editoração, esses textos são lidos pelos jornalistas. Já no segundo caso, devido ao não planejamento prévio, deparamo-nos com a presença de elementos mais próximos das características da língua falada (doravante LF), como a hesitação, a repetição de palavras, falsos começos, menor fixidez temática, marcas de reformulação, etc.

Notamos, no entanto, que apesar dessas diferenças arroladas acima, a cobertura ao vivo do *corpus* situa-se em um *continuum* entre as modalidades prototípicas de LE e LF, pois os repórteres utilizam uma linguagem formal, própria do discurso jornalístico, mas ela é não-planejada, visto que a elaboração da fala dá-se

concomitantemente com o fato narrado.

A construção da cobertura ao vivo é um processo complexo e que envolve a presença de muitas pessoas e procedimentos. A elaboração simultânea da fala do repórter se constrói a partir de diversos fatos que chegam até ele por meio do ponto², de informações recebidas por fax, por telefone, através dos correspondentes da emissora em outros países (em caso de um acontecimento internacional) e até mesmo por imagens que são veiculadas e comentadas pelo jornalista concomitantemente.

Em coberturas ao vivo de extensa duração, enquanto os repórteres âncoras³ esperam por novas informações, eles utilizam outras estratégias jornalísticas para permanecerem com a veiculação e a audiência. Entre elas, destacam-se o diálogo entre os jornalistas, as análises e reflexões que esses fazem sobre o fato em foco e a repetição de informações e imagens já veiculadas. Ao mesmo tempo, outros membros do jornal buscam novas informações com os correspondentes, convidam especialistas do assunto em pauta para dar entrevista, opinar e comentar sobre o fato e os repórteres de rua são convocados para procurarem novos dados. Todos esses procedimentos são realizados nesse tipo de transmissão da notícia para ajudar a preencher o espaço oral da transmissão, pois somente a apresentação das imagens não mantém a atenção do telespectador.

A heterogeneidade mostrada e o discurso indireto

O conceito de *heterogeneidade enunciativa* foi elaborado pela estudiosa Authier-Revuz (1990). A autora considera que o princípio da heterogeneidade parte da noção de que a linguagem é constitutivamente heterogênea e, conseqüentemente, o discurso é também heterogêneo, ou seja, constituído e marcado pela presença de outros discursos.

Em seu estudo, Authier-Revuz (1990), divide o conceito de *heterogeneidade enunciativa* em dois tipos:

Heterogeneidade constitutiva: não se apresenta na organização linear do discurso e, por isso mesmo, é “não localizável e não representável” (Authier-Revuz, 1990, p. 32).

Heterogeneidade mostrada: conjunto de formas que marcam a presença do outro na cadeia discursiva. Estas podem ser recuperadas de maneira explícita (marcada) ou implícita (não-marcada). Quando

²Recurso utilizado para passar a ator, apresentador, locutor, etc. — durante a apresentação de espetáculo ou de programa de TV — deixa, orientação, texto de script, etc (cf. Novo Dicionário Aurélio, 2005).

³Principal apresentador de um programa de notícias, esporte, etc., e que usualmente atua como coordenador da equipe de apresentação do programa (cf. Novo Dicionário Aurélio, 2005).

marcada, é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística, como o discurso citado (direto e indireto), o aspeamento, a glosa, entre outros. Se for não-marcada, é da ordem do discurso, “onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívoca” (Authier-Revuz, 1990, p. 36), como o discurso indireto livre e a ironia.

Neste artigo, nosso foco é o discurso indireto (doravante DI), porque foi a manifestação heterogeneamente mostrada marcada de maior destaque no *corpus* devido ao fato de ser muito útil aos repórteres na veiculação da notícia ao vivo, conforme será visto adiante.

Segundo Maingueneau (1997), os discursos relatados direto e indireto são as representações mais clássicas da heterogeneidade enunciativa. Apesar de frequentemente apresentarem-se opostas, o autor afirma que o discurso direto (doravante DD), assim como o indireto, não é a representação literal de outros discursos citados, mas sim “uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior” (Maingueneau, 1997, p. 85). O que existe são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação.

Quanto ao DI, o locutor, ao empregá-lo, faz uso de suas próprias palavras para se remeter ao discurso do outro. Para isso, normalmente o falante constrói um enunciado subordinado em terceira pessoa, introduzido por um verbo *dicendi* e, em geral, seguido pela conjunção integrante *que*. Os tempos verbais mais presentes nesse tipo de citação são o pretérito perfeito ou imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito e locuções verbais formadas com esses tempos.

No processo de utilização do DI, o conteúdo do discurso citado não é fielmente mantido, uma vez que o falante o interpreta e o avalia antes da reprodução. Desse modo, tem-se a reconstrução e a síntese do conteúdo proposicional do enunciado-fonte.

De acordo com Risso (1978), o enfoque dado ao conteúdo garante ao DI a característica de ser mais informativo, pois, ao contrário do DD, ele deixa de lado a preocupação com as características expressivas da fala original.

Benites (2002, p. 60) apresenta uma definição do DI que pode ser observada claramente no *corpus* de análise:

(...) no discurso indireto, o locutor citante, como um tradutor que faz uso de suas próprias palavras para transmitir idéias de outro, passa a impressão de ser um simples porta-voz a serviço da transmissão neutra do sentido de uma mensagem anterior. Essa impressão, no entanto, é também falsa, na medida em que o locutor seleciona do discurso do outro o

trecho que lhe interessa, submete-o a um filtro próprio e adapta-o a seus objetivos.

Assim acontece na transmissão ao vivo do atentado, já que o jornalista, ao empregar o DI para veicular as notícias aos telespectadores, também avalia e ajusta as informações aos seus objetivos. Esses objetivos, por sua vez, revelam-se, ora como o engajamento ao enunciado citado, ora como a busca da neutralidade e até mesmo de um certo distanciamento para marcar a isenção de responsabilidade sobre o conteúdo das informações, conforme veremos, posteriormente, na análise.

Discurso indireto: por que usá-lo nas transmissões telejornalísticas ao vivo?

Romualdo (2002, p. 233) postula que a reprodução do enunciado alheio é um recurso muito comum na nossa fala cotidiana. Assim como na conversa do dia a dia, em coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração, o emprego do discurso relatado, mais especificamente do DI, também é muito habitual. Entretanto, é possível afirmarmos que o DI funciona como uma estratégia jornalística e que o processo de utilização desse tipo de discurso é diferenciado nesse tipo específico de produção de fala.

Em transmissões telejornalísticas ao vivo de extensa duração, o que podemos observar é que o uso do DI é justificável e produtivo pelo fato de ele ser um método rápido e eficiente de construção da notícia. Como dissemos anteriormente, os repórteres âncoras recebem informações sobre um determinado fato a partir do ponto, do fax, por telefone e eles têm que reunir todas essas informações e veiculá-las da melhor forma, com rapidez e, sobretudo, sem planejamento prévio. Aí é que “entra em cena” o DI, pois o jornalista, ao empregá-lo, tem a possibilidade de resumir e interpretar o conteúdo das falas recebidas, selecionar e adaptar, por meio de seleções lingüísticas, o que realmente é relevante para o conhecimento dos telespectadores. Por esse motivo é que se justifica a alta frequência do DI no *corpus* de análise.

Por meio das afirmações acima também podemos justificar o pouco uso ou o não uso do DD em coberturas telejornalísticas ao vivo de extensa duração. Não há possibilidade, nesse caso, do repórter reproduzir “literalmente” todas as falas que lhe são passadas ao veicular a notícia, uma vez que não há tempo suficiente para a realização desse procedimento e, mesmo que isso fosse possível, a transmissão ficaria truncada, talvez sem fixidez temática, e com cortes a cada novo pronunciamento.

Verbos *dicendi* nos discursos indiretos

Uma das características estruturais do DI é a exigência de um verbo *dicendi* para reger a oração subordinada que introduz o conteúdo da fala citada. Maingueneau (1996) assevera que esse verbo *dicendi* possui outra função além da regência destacada acima, que é especificar semanticamente a enunciação citada em diferentes registros. Ou seja, esse verbo pode sugerir semanticamente diferentes significados e, por isso, “a escolha do verbo introdutor do discurso indireto tem conseqüências importantes na maneira pela qual o leitor vai interpretar a citação” (cf. Maingueneau, 1996, p. 113).

Risso (1978) corrobora essa afirmação de Maingueneau, postulando que o verbo *dicendi* pode traduzir atitudes, intenções do locutor citante, além de simplesmente apresentar a fala alheia.

Conforme Charolles (1988) *apud* Maingueneau (1997), com exceção do verbo *dizer*, “aparentemente neutro”, os demais verbos *dicendi* veiculam diversos tipos de pressupostos. Benites (2002, p. 114) também classifica os verbos *declarar* e *afirmar* como indicadores de neutralidade.

Para Gaiotto (2006), que estabelece um quadro com a classificação de vários verbos *dicendi*, verbos como *insistir*, *lembrar* e *concluir* incidem sobre a posição cronológica, enquanto os verbos *assegurar*, *afirmar*, *dizer*, *garantir*, por exemplo, incidem sobre o valor de verdade do enunciado citado. Charolles (1988) *apud* Maingueneau (1997) ainda destaca os verbos do tipo *ordenar* e *suplicar*, que recaem sobre uma hierarquia. Veremos na análise a seguir a presença desses três tipos de verbos e os efeitos que eles reproduzem no *corpus*.

O discurso indireto em transmissões telejornalísticas ao vivo

Tendo em vista o exposto acima, ou seja, o processo de construção e transmissão ao vivo da transmissão do atentado terrorista ao *World Trade Center*, a finalidade do DI e sua alta frequência no *corpus*, em contraste com um número reduzido de DD, será privilegiado, neste momento, o estudo de suas ocorrências.

Conforme comentamos no tópico anterior, na transmissão ao vivo do atentado os jornalistas utilizam o DI para veicular as informações sobre o ataque terrorista e, concomitantemente, revelam seus objetivos. Vejamos⁴:

1. CN: o presidente americano George W. Bush... *declarou* agora a pouco que em se confirmando ação terrorista haverá revide por parte

dos Estados Unidos... a reação oficial do governo americano...

2. AP: o primeiro ministro britânico Tony Blair *disse*... que as nações democráticas do mundo teRÃO que se unir numa GRANDe ação contra o terrorismo...

3. CN: é porque a Heloísa Vilela nossa correspondente... *dizia* agora a pouco... que de manhã no *World Trade Center*... costuma haver um público... de quarenta mil pessoas... eh:: a própria Ana Paula que foi correspondente em Nova York nos *contou* também... que as pessoas chegam ANtes das nove horas para iniciar ah:: sua jornada de trabalho...

4. CN: e o presidente George Bush já *avisou* de que confirmadas essas ações terroristas eh:: que detectadas as suas origens... haverá REvide haverá REtalhação por parte das forças armadas americanas...

5. CN: e as autoridades da Rússia também *anunciaram* que:: estão pondo em prática... um plano de ação ANTI-terrorista no país depois desses acontecimentos... nos Estados Unidos

6. HV: Nascimento ah:: agora a pouco a American AirLines ah:: *informou* que os dois aviões... da empresa que bateram nas torres do *World Trade Center*... ah:: tinham abordo cento e cinquenta e seis pessoas...

No primeiro exemplo, o verbo *declarar* indica que o repórter Carlos Nascimento assume a informação sobre um possível revide dos Estados Unidos como verdadeira, como uma notícia oficial, engajando-se a ela.

Já nos exemplos 2, 3, 5 e 6 os verbos *dizer*, *contar*, *anunciar* e *informar*, respectivamente, aparentemente neutros e menos argumentativos, “deslocam a ênfase para o assunto, exercendo basicamente uma função referencial” (Benites, 2002, p. 112). Esses verbos, os quais remetem ao valor de verdade do enunciado citado, marcam o menor grau de compromisso dos repórteres com a fala alheia, uma vez que a intenção destes é manter a neutralidade diante das informações do atentado. Assim, os jornalistas apenas indicam a fala do locutor citado e transmitem as notícias para manter os telespectadores informados sobre os acontecimentos.

Um caso particular ocorre no exemplo 4, em que o uso do verbo *dicendi* *avisar* remete à uma posição cronológica, porque o aviso do presidente norte americano já havia se efetivado no momento da transmissão da notícia, e indica que existe uma hierarquia superior do locutor citado. Desse modo, o aviso do presidente George W. Bush, de que haveria retalhação por parte das forças armadas americanas

⁴Nos fragmentos do *corpus*, destacamos, em itálico, os verbos *dicendi* e a expressão *segundo*.

caso fossem confirmadas as ações terroristas, mostrasse como uma ameaça feita diretamente ao articulador do ataque, que supostamente seria o líder terrorista Osama Bin Laden.

No exemplo 7, abaixo, temos uma nova aparição do verbo *avisar*, mas nesse caso é o terrorista Osama Bin Laden que aparece na escala hierárquica superior, já que, em uma entrevista a um jornalista árabe, ele ameaça, com atentados terroristas, o povo americano, visto neste contexto como a vítima. Assim como no exemplo 4, a repórter Ana Paula Padrão apresentou o aviso do terrorista como algo já efetivado no momento da veiculação da notícia.

7. AP: o terrorista Osama Bin Laden... que se esconde em alguma parte do Afeganistão hoje... *avisou* numa entrevista a um jornalista árabe... que desencadearia... ataques nas próximas horas nos próximos dias enfim... ataques SEM precedentes aos... Estados Unidos... éh:: numa ação de retaliação... ao apoio americano às causas israelenses...

Todos os exemplos acima, assim como os fragmentos 8 e 9, apresentam-se como uma citação de autoridade, conforme Benites (2002). Esse nome é dado a esses enunciados porque em todos os casos os jornalistas atribuem as informações que transmitem a autoridades, a pessoas cujo conhecimento de causa é inquestionável, como: o presidente George Bush, o primeiro ministro britânico Tony Blair, o terrorista Osama Bin Laden, as repórteres Ana Paula Padrão e Heloísa Vilela, as autoridades russas, o assessor da empresa aérea American AirLines e as testemunhas que presenciaram o momento dos ataques às torres gêmeas. Dessa forma, os jornalistas garantem maior credibilidade aos seus enunciados, e, ao mesmo tempo, distanciam-se da fala citada por eles, já que se mostram apenas como retransmissores das notícias.

“É como se, ao empregar a citação, o locutor quisesse dizer ao leitor: a prova de que meu argumento é verdadeiro são as palavras de f..., que, como é do conhecimento de todos, é uma autoridade no assunto” (Benites, 2002, p. 96).

Na realidade, podemos notar que nos exemplos de 1 a 9 os jornalistas, ao garantirem as informações que veiculam as autoridades, fazem uso de uma estratégia persuasiva para conduzir os telespectadores a concordarem com os seus discursos.

Nos fragmentos 8 e 9 esse processo se mostra por meio da expressão *segundo* que, de acordo com Reyes (1984) *apud* Benites (2002, p. 75), caracteriza o “usufruto da palavra e do pensamento alheios”. Nestes enunciados observamos que este elemento

serviu de apoio para o discurso do jornalista Carlos Nascimento e da narradora, assim como base argumentativa para reforçar a veracidade da informação e para marcar a isenção de responsabilidade diante das notícias.

8. NA: *segundo* testemunhas... pessoas se jogavam pelas janelas do edifício... enquanto ele desabava...

9. CN: bem éh:: a rede de TV CNN acaba de mostrar imagens do local... onde caiu um avião da United Airlines... o vôo noventa e três esse que:: *segundo* a Ana Paula acabou de nos dizer decolou de Newark... Nova Jersey e com destino a São Francisco...

Embora os enunciados acima apresentem a mesma expressão para marcar a voz alheia, não podemos dizer que possuam a mesma força persuasiva no que se refere à veracidade da informação. No enunciado 8 não há uma definição precisa de quem sejam as testemunhas, o termo é genérico e pode levar ao questionamento da veracidade da informação, ou ao responsável pelas asserções. No enunciado 9 há uma definição de quem seja o responsável pela veiculação da informação, neste caso Ana Paula Padrão, o que pode reforçar o argumento presente no enunciado, garantindo-lhe maior força de persuasão, testemunho e veracidade.

O assunto das notícias veiculadas era consideravelmente polêmico, uma vez que envolvia o ataque terrorista ao maior conjunto comercial do mundo. Sendo assim, podemos classificar os enunciados analisados até o momento também como citações de isenção de responsabilidade. Conforme Benites (2002, p. 102), “a citação com função de isenção de responsabilidade é encontrada com maior frequência em textos que poderiam vir a ser alvo de uma possível polêmica, da qual o locutor citante deseja preservar-se”.

Por fim, durante a análise do *corpus*, a presença de outro recurso utilizado pelos jornalistas juntamente com o DI foi observada – o *comentário sobre a fala* do outro. Benites (2002, p. 65) ressalta a importância da diferenciação entre a fala relatada em discurso indireto e o comentário sobre a fala:

No primeiro caso, um determinado ato de elocução é narrado (sintetizado) com as palavras de quem o cita. Já no comentário sobre a fala, não é um ato de elocução particularizado que é objeto de referência, mas a unidade de sentido de todo um discurso, mais globalizado.

Os enunciados 10 e 11 exemplificam o processo de transformação da fala do outro em comentário.

Vejamos:

10. CN: e também... oh:: líder Palestino Yasser Arafat... numa rápida declaração na manhã de hoje... éh:: *refutou* esses éh:: esses... éh:: ataques *condenou* esses ataques terroristas aos Estados Unidos... *disse* ali de sua solidariedade com o povo americano... éh:: ou seja deixando claro que pelo menos diante das declarações dele... não há responsabilidade direta da autoridade palestina sobre esta ação terrorista...

11. CN: o primeiro ministro britânico Tony Blair... foi o primeiro a se manifestar pela televisão... *CONDENANDO* o ataque aos Estados Unidos... e *dizendo* que isso realmente põe em cheque a ordem política e econômica internacional...

Os trechos 10 e 11 iniciam-se com o comentário sobre a fala do líder palestino Yasser Arafat e do primeiro ministro britânico Tony Blair, respectivamente, e são seguidos do relato de fala em DI dessas autoridades. Nesses fragmentos, o jornalista Carlos Nascimento transformou o conteúdo da fala das autoridades em comentário, ou seja, as sintetizou, provavelmente por uma questão de economia, pois, como informamos no tópico anterior, os repórteres têm de construir e veicular as notícias com rapidez.

Nos comentários, o jornalista Carlos Nascimento resume a fala alheia empregando o verbo *dicendi refutar* (exemplo 10) e o verbo avaliativo *condenar* (exemplos 10 e 11) para retratar a reprovação do líder palestino e do primeiro ministro britânico com relação ao atentado terrorista aos Estados Unidos. Essa posição também é defendida pelo jornalista que, em diversos momentos da transmissão, expressou sua perplexidade, a não aprovação e sua preocupação diante dessa tragédia.

Quanto aos DI que seguem os comentários, eles são empregados pelo jornalista como um argumento para complementar a posição contrária das autoridades. Novamente o verbo *dicendi dizer* aparece nestes DI e marca uma provável neutralidade do jornalista e a intenção de retransmitir a notícia.

Para finalizar esse breve estudo sobre o DI em uma transmissão telejornalística ao vivo, é interessante a citação de um trecho do estudo feito por Benites (2002, p. 87), no qual a autora afirma (a explicação entre os colchetes é nossa):

A escolha de uma ou de outra variedade [de discurso relatado] parece não ser feita apenas com o intuito de simples diversificação das estruturas, mas manifesta formas diferentes de envolvimento do locutor com aquilo que cita, revelando, como em alguns momentos se viu, intenções que o locutor pode desejar externar ou mascarar. Assim, pode-se dizer que a estrutura é escolhida com base na função que

se deseja que a citação desempenhe no texto.

Em suma, concluímos que o emprego de um modelo de discurso relatado específico deve-se às intenções que o falante pretende destacar em seus enunciados.

Conclusão

A partir do estudo exposto acima, podemos concluir que a citação da fala do outro ocupa um lugar de prestígio em uma cobertura telejornalística ao vivo, já que nessa situação específica de produção oral o DI possibilita o resumo e a avaliação do conteúdo das informações recebidas pelos repórteres e a rápida construção e transmissão de um enunciado relevante e, de certa forma, econômico, ao telespectador.

Os repórteres, por sua vez, com a intenção de dar maior veracidade e credibilidade às informações transmitidas e isentar-se da responsabilidade do conteúdo dessas informações, atribuem à fonte do discurso citado a responsabilidade pelas notícias veiculadas. Ou seja, os jornalistas usam esse procedimento como uma estratégia persuasiva para conduzir os telespectadores a concordarem com seus discursos.

A intenção dos repórteres pode ser notada, também, por meio dos verbos *dicendi*, visto que eles funcionam como representações das intenções e objetivos dos jornalistas na cobertura ao vivo do atentado terrorista ao *World Trade Center*, além de apresentarem a fala alheia.

Em suma, após a realização desta pesquisa, é possível afirmar que o DI realmente revela, no caso da cobertura telejornalística ao vivo do atentado terrorista ao *World Trade Center*, o posicionamento e o grau de engajamento dos repórteres.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cad. Estudos Ling.*, Campinas, n. 19, p. 25-42, 1990.
- BENITES, S.A.L. *O discurso relatado no jornal e a ilusão da objetividade*. 1995. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 1995.
- BENITES, S.A.L. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. 1. ed. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2002.
- CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986.
- GAIOTTO, P.A. *A formulação do editorial da “Gazeta do Povo”: o discurso relatado na construção da opinião*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. *Dicionário eletrônico*, 2005. disponível em: <<http://www.aureliopositivo.com.br/aurelio/default.asp>>. acesso em: 2005.

RISSO, M.S. *A representação da fala dos personagens em Fogo Morto*. 1978. Tese (Doutorado)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,

São Paulo, 1978.

ROMUALDO, E.C. *A construção polifônica das falas na justiça: as vozes de um processo crime*. 2002. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2002.

Received on October 23, 2006.

Accepted on December 18, 2006.